

Brasil

**VERA
SAAVEDRA
DURÃO**

(INTERVISTA)



O carmim da Rocinha no abril vermelho

Está aberta uma "janela de oportunidade", como diz o jargão do mercado financeiro, para o governo Lula recobrar a confiança nele depositada pelos seus 50 milhões de eleitores. Nos últimos 16 meses, o empenho da administração petista vem se redobrando para manter acesa a credibilidade do Brasil no sistema financeiro internacional e o comportamento de grandes bancos credores, como o JP Morgan e o Citibank, que aconselharam seus investidores a vender os títulos brasileiros, prova que esta é uma tarefa de Sísifo.

O recente episódio da invasão da Rocinha, favela da zona Sul do Rio, com mais de 55 mil habitantes, alvo da briga de facções do narcotráfico, veio contribuir para dar um viés urbano e um tom carmim ao abril vermelho do Movimento dos Sem-Terra (MST) e alertar o governo para a existência do Brasil real.

"O fato afetou uma cidade inteira e está sinalizando que existe uma sociedade em crise profunda, que é ignorada pelo poder público", alerta o antropólogo Gilberto Velho.

É, pois, hora de o Planalto ouvir o recado das ruas e dar prioridade a tocar uma agenda que melhore a vida dos brasileiros, principalmente dos jovens, cada vez mais aturdida por uma crise de valores, falta de entendimento básico entre diferentes setores da sociedade e predominância da violência como linguagem dominante.

O governo do PT decepcionou muita gente até agora, pois anunciou durante a campanha presidencial 10 milhões de empregos, reforma agrária e um Plano Nacional de Segurança Pública que não foi efetivado. Por conta da política econômica, a administração Lula não disponibiliza recursos para tocar estas políticas. Priorizar o crescimento econômico visando a criação de emprego e abrir os cofres do Estado para pagar a dívida social podem gerar mudanças (que ainda não vieram) capazes de minorar os sofrimentos da população das favelas e da periferia das grandes cidades, oprimidas tanto pelos narcotraficantes quanto por maus governantes populistas interessados em congelar a miséria para se manter no poder. Ambos são faces da mesma moeda.

Somente no Rio, existem 250 mil pessoas envolvidas com a máquina do narcotráfico. A maioria é de jovens abaixo de 26 anos. A questão ultrapassa as fronteiras do município e do Estado. Ela é também de âmbito federal. O governo Lula não pode se omitir diante da força do poder paralelo que deixa 10 mil crianças sem aula durante mais de uma semana, situação que indica falência do poder público.

À sombra da ausência da autoridade, vicejam falsos Robin Hoods, como já ocorre nas favelas. O enterro de "Lulu", líder do tráfico da Rocinha, mostra o fascínio que esses anti-heróis que têm seus 15 segundos de glória e poder exercem sobre os pobres. O enterro do traficante foi acompanhado por 200 pessoas que gritavam slogans do tráfico.

O antropólogo Gilberto Velho se indigna com o ocorrido. "Tudo isso é um engano, eles são bandidos, utilizam a violência como modo de vida e o fato de terem reconhecimento e prestígio social e até mesmo o afeto da população só é explicado pela omissão do poder público, que, quando atua, o faz da pior maneira possível, através do abuso policial nas favelas".

Ao contrário dos argentinos, que, revoltados com o seqüestro e a morte de um jovem, partiram para a rua a exigir providências do governo do presidente Néstor Kirchner, a invasão da Rocinha não suscitou mobilização em massa dos habitantes do Rio de Janeiro, apesar de ter rendido manchetes internacionais e ter seqüestrado também o direito de ir e vir dos moradores de São Conrado e da Zona Oeste da cidade do Rio.

Mesmo nos anos de chumbo, sob o tacão da ditadura militar, protestava-se para garantir os direitos civis. Em pleno século XXI — quando os habitantes das grandes cidades do país estão com a vida pendendo de uma bala perdida —, é como se todos estivessem anestesiados, tremendo e morrendo de medo, fechados em suas casas, alvos fáceis do exército de miseráveis que perambula pelas megalópes.

Pesquisa de Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que existem 56 milhões de miseráveis no território nacional sobrevivendo com menos de R\$ 79 ao mês. O IBGE revelou nos seus indicadores sociais que, em 20 anos, 600 mil cidadãos, a maioria entre 15 e 24 anos, foram assassinados com armas de fogo, mais que os 325 mil na guerra de sete anos em Angola.

Em meio a esta tragédia nacional anunciada há algum tempo, é difícil a defesa de um modelo econômico que congela a desigualdade. A perpetuação desse "status quo" pode levar a um cenário pior, de fortalecimento de um populismo oportunista. A democracia efetivamente fica ameaçada pela falta do exercício da lei. Neste contexto, é bom o governo pensar em pelo menos flexibilizar seus dogmas econômicos para evitar o pior.

Vera Saavedra Durão é repórter especial no Rio

E-mail: vera.durao@valor.com.br